

Níveis de descrição lingüística na abordagem de falas de crianças com retardo de linguagem

Lourdes Andrade*
Lucia Carnevale*



A clínica fonoaudiológica tradicional tem estabelecido, ao longo dos anos, uma relação com o campo dos estudos da linguagem marcada pela busca, nesse campo, de instrumentais que lhe possibilitem abordar a fala do paciente. Essa relação tem sido caracterizada pela tendência de aplicação de aparatos descritivos, conforme já foi apontado e discutido em inúmeros trabalhos de pesquisadores do Projeto Integrado Aquisição e Patologias de Linguagem,¹ desde 1998. Trata-se do que foi nomeado, por Lier-De Vito, como um mau encontro, porque tal relação se dá pela via de empréstimos, seja de noções/conceitos, seja de aparatos descritivos. Eles parecem sustentar a ilusão de que a fala patológica poderia ser definida/descrita com base num saber gramatical transformado em padrão de normalidade.

Observa-se, freqüentemente, a busca de legitimação científica de procedimentos de avaliação e intervenção terapêutica, a partir de manipulação utilitária de conceitos e/ou de instrumentos descritivos aplicados com uma *ferramenta neutra*, indiferente á especificidade do material. Esse procedimento impede, no entanto, o entendimento daquilo que, de fato, interessa especialmente aos fonoaudiólogos – a fala sintomática. Convém ressaltar que aparatos descritivos apenas detectam, na fala do paciente, desvios locais

* PUCSP. lourdesandrade@pucsp.br; lucianacarnevale@hotmail.com

¹ Trata-se de Projeto Integrado CNPq (522002/97-8), desenvolvido no LAEL/PUCSP e coordenado por Maria Francisca Lier-De Vito.

antecipáveis como possíveis violações a regras. A esse respeito, cabe assinalar que *desvios presentes em falas sintomáticas* não se deixam reduzir a uma diferença em relação à norma. O problema é que, embora o aparato detecte tipos particulares de violação, ele não pode oferecer uma explicação sobre a natureza desses acontecimentos. Em consequência, as produções sintomáticas acabam homogeneizadas sob a categoria indiscriminada do incorreto agramatical (Andrade, 1998).

Pretendemos, neste artigo, abordar uma questão específica: a implementação, na avaliação de linguagem, de instrumentos descritivos que remetem a diferentes níveis ou componentes lingüísticos – fonético-fonológico, morfo-sintático e semântico-pragmático. Essa prática diagnóstica, que ilustraremos com um segmento de sessão de um caso de Retardo de Linguagem, certamente produz efeitos na direção do tratamento. Os quadros conhecidos como Retardo de Linguagem ganham especificidade nesse cenário à medida que, se dissecados por instrumentais descritivos, têm sua natureza singular diluída. Sustentar a qualidade de falas, reconhecidas como pertencentes a esses quadros, exige suspender aplicações, como veremos na apresentação do material clínico. Falas sintomáticas de crianças, mais do que resistirem, impõem obstáculos particulares à sua decomposição em componentes isolados.

Testes e provas utilizados na instância diagnóstica da clínica fonoaudiológica são exemplares desse tipo de procedimento de dissecação da fala. No Brasil, têm sido amplamente divulgados o Exame de Linguagem TIPITI, de Braz e Pellicciotti (1981) e, mais recentemente, o ABFW – Teste de Linguagem Infantil nas áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática –, elaborado por um grupo de pesquisadores da Universidade de São Paulo e publicado em 2000, além do manual de Avaliação da Linguagem de Acosta e colaboradores, de 2003. Nesses instrumentais, a fala da criança é recortada com vistas à sua avaliação em cada nível lingüístico. No entanto, almeja-se, a partir dessa decomposição em níveis, abarcar, como se diz, a totalidade da linguagem. A tentativa de reconstituição dessa totalidade é encaminhada de duas maneiras.

A primeira delas é aquela que poderíamos denominar como de complementaridade: aqui não se encontra, na proposta de avaliação, qualquer reflexão sobre os modos de articulação entre os vários estratos abordados. Considera-se que um perfil lingüístico do paciente possa ser traçado a partir de mera somatória dos segmentos analisados. Na ausência de teorização, o que se tem é uma

costura imaginária desses diversos aspectos, apoiada na presença unificadora do paciente – de seu corpo e de sua fala.

A segunda maneira de busca da totalidade perdida da fala parte da tentativa de estabelecimento de algum tipo de correlação entre os diversos níveis, como se vê no trabalho de Paul (1992). A partir de uma concepção do desenvolvimento da linguagem como “sinérgico” (palavras da autora), ela propõe uma avaliação com vistas à articulação entre o nível fonológico e os níveis morfo-sintomático e semântico-pragmático.

Segundo Paul, durante o desenvolvimento lingüístico da criança, novas demandas – sintáticas, por exemplo – podem interagir com estratégia de simplificação fonológica, ou mesmo de seleção e evitação de determinados fonemas. Tais estratégias teriam a função de reduzir a complexidade geral envolvida na execução da fala. A idéia é a de que a criança nos estágios iniciais de aquisição, tem uma capacidade limitada para manejar a linguagem. Assim, quando o sistema é “estressado”, exigindo dela mais recursos ou mais conhecimentos lingüísticos, “algo tem que ceder e algum aspecto é simplificado” (op. cit., p. 226). Exemplo disso é a simplificação fonológica, em enunciados mais longos, de palavras antes produzidas isoladamente de forma correta.

Abordagens dessa natureza, embora procurem explicar as dificuldades da criança, sem recorrer a domínios externos ao lingüístico, não se aproximam das questões teóricas centrais da teoria lingüística. Ao contrário, tais abordagens reduzem-nas a uma instrumentalização com fins descritivos – movimento também apontado por Cláudia de Lemos (1999), no que diz respeito à relação entre a área de aquisição de linguagem e a Lingüística. Por esse caminho, a fala do paciente é anulada por um procedimento que busca, em sua superfície, aquilo que supostamente representa as unidades categoriais e regras combinatórias previstas pelo instrumental e que são, por sua vez, relacionadas a um suposto padrão de desenvolvimento.

A crítica que fazemos às dissecações da fala da criança não devem ser tomadas como uma recusa da importância do saber construído pela Lingüística, incluindo-se, aí, os níveis de análise lingüística e suas unidades. Trazemos, para esta discussão, Benveniste. Ele afirma que o estabelecimento de níveis de análise é essencial à Lingüística. Segundo ele, só [a noção de nível] é própria para fazer justiça à natureza articulada da linguagem e ao caráter discreto dos seus elementos; só ela pode fazer-nos reconhecer, na complexidade das formas, a arquitetura singular das partes e do todo (1966, p. 127, ênfase nossa).

A noção de nível, acrescenta ele, deve ser estudada no domínio da língua enquanto sistema. Vê-se que, em Benveniste, níveis e elementos discretos não são independentes do sistema.

Nesse sentido, o recurso ao estabelecimento de níveis de análise está, para ele, submetido às restrições impostas pela noção de língua enquanto sistema, que permite retirar conseqüências da assunção da linguagem como articulada. Posição, como se vê, bastante diferente daquela sustentada nos procedimentos de avaliação, mencionados acima. É exatamente a relação parte-todo, comandada pelo funcionamento do sistema que, de um lado, garante a possibilidade de articulação entre níveis e, de outro lado, barra a consideração de níveis isolados e de recomposição por e de recomposição por somatória.

A reflexão de Benveniste permite sustentar uma relação outra à fala da criança e, no caso deste trabalho, favorece a consideração da natureza singular das falas que se apresentam nos quadros de Retardo de Linguagem. Passamos, a seguir à apresentação e interpretação de um segmento de material clínico.

Criança e terapeuta conversando sobre o aniversário de outra criança (Mateus). Durante a conversa a criança desenha e faz como se escrevesse.

T: Então agora escreve festa do Mateus.

C: To escrevenu. Bolo cu choco/bolo cu chocolati!

T: Ai! Você escreveu bolo de chocolate?

C: *E / eu nu vô / eu nu v: / eu num vô na festa / a / a vó num vai vim / a vó vai embora.*

Chamamos a atenção para as seguintes características da fala da criança, no segmento final, em itálico.

(1) Nesse enunciado a fala da criança é marcada por uma série de hesitações, interrupções.

(2) Esse enunciado fragmentado é composto por uma série de seqüências que se comprimem e se expandem, estabelecendo, umas com as outras, uma relação paralelística em que se alternam substituições de elementos em diferentes lugares:

<i>eu</i>	<i>nu</i>	<i>vô</i>
<i>eu</i>	<i>nu</i>	<i>v::</i>
<i>(eu)</i>	<i>num</i>	<i>vô na festa</i>
<i>a vó</i>	<i>num</i>	<i>vai vim</i>
<i>a vó</i>		<i>vai embora</i>

Certamente está implicada, nessa seqüência paralelística, uma questão estrutural – não apenas pela ocorrência de substituições, mas também porque há um movimento de retroação e progressão que responde pela articulação entre os enunciados e por sua coesão.

Nos termos de Benveniste (op. cit.), há articulação entre níveis.

(3) Observa-se que há recorrência de um segmento sonoro – /v/ – que perpassa a relação paralelística. Note-se que dois outros níveis (a saber, fonético-fonológico e morfológico) estão imbricados nesse jogo estrutural.

Vô

V::

Vó

Vai

Vim

(4) O fato de que aquilo que se alterna, em uma posição específica das seqüências, são formas verbais, parece favorecer o surgimento recorrente de uma mesma materialidade sonora (/v/). No entanto, essa insistência não se restringe às formas verbais: um substantivos – *vó* – emerge da equivocidade do significante *vô*: *vô* (de ir) e *vô* (de *vovô*).

No caso em questão, ambas as possibilidades se realizam numa mesma seqüência: *A vó num vai vim*. Matéria sonora, palavra, cadeia e sentido se realizam – articulam – num mesmo movimento. De fato, chama a atenção, nesse enunciado, sua densidade significativa – trama flexível articulada, que entrelaça, desestratifica e re-estatifica os níveis de análise lingüística.

Esse movimento é próprio da fala. Se, para fins de análise lingüística, a estratificação da linguagem em níveis representa o modo de estruturação do conhecimento do lingüista, a fala é representada pela articulação, pelo imbricamento irreduzível comandado por um corpo em movimento. De fato, podemos afirmar, agora, que o sujeito é ponto de articulação e não suporte de uma somatória supostamente unificadora do saber construído pela Lingüística. Falamos de um sujeito marcado de modo singular pela inscrição do significante em seu corpo.

Referências

- ACOSTA, V. M. et al. *Teoria e prática do processo de avaliação do comportamento lingüístico infantil*. São Paulo: Santos Editores, 2003.
- ANDRADE, L. O estatuto do dado lingüístico nos procedimentos de avaliação de linguagem. In: LIER-De VITTO, M. F.; ARANTES, L. *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo: EDUC. (no prelo).
- BENVENISTE, E. Níveis da análise lingüística. *Problemas de lingüística geral*. Campinas: Pontes/Editora da UNICAMP, 1966/1991.
- BRAZ, H.; PELLICCIOTTI. *Exame de linguagem TIPITI*. v. 1 e 2, 1981.
- DE LEMOS, C. T. G. A criança como ponto de interrogação. In: LAMPRECHT, Regina (Org.). *Aquisição da linguagem*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- PAUL, R. Interações fala-linguagem na fala de crianças pequenas. In: CHAPMAN, R. S. (Org.). *Processos e distúrbios na aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- WERTZNER, H. F.; ANDRADE, C.; BEFFI-LOPES, D.; FERNANDES, F. D. *ABFW – Teste de linguagem infantil*. São Paulo: Pró-Fono, 2000.